

**Tensões entre memórias,
ativismo e ética: as narrativas
cigano/romani no Museu Cigano
Itinerante (Brasil) e no Roma
Ethnographic Museum in Tarnów
(Polônia)**

**Tensions among memories,
activism and ethics: The Gypsy/
Romani narratives at the Museu
Cigano Itinerante (Brazil) and at
the Roma Ethnographic Museum
in Tarnów (Poland)**

**Tensiones entre las memorias,
el activismo y la ética: Las
narrativas gitano/romaní en el
Museo Cigano Itinerante (Brasil)
y el Roma Ethnographic Museum
en Tarnów (Polonia)**

Douglas Neander Sambati¹

Recebido: 12/3/2017

Aceite: 24/4/2017

Resumo: Este artigo trata de possíveis tensões quando usos da memória, ativismo político e comportamento ético convivem em um ambiente museológico. Para tanto, serve-se do exemplo de dois museus – o Museu Cigano Itinerante (Brasil) e o Roma Ethnographic Museum in Tarnów (Polônia) –, analisando a exposição das instituições e a fala de seus organizadores. Ambos os museus estão engendrados nos movimentos sociais cigano/romani que, por sua vez, trabalham desde os anos 1970 na relocação desse povo na sociedade. Esse novo espaço social seria o de uma nação ou grupo étnico coeso, reconhecido por outras nações, com um primeiro passo para a conquista de uma melhor qualidade de vida. Discute-se aqui que os museus constroem narrativas que exotizam² e essencializam populações ciganas heterogêneas, em retóricas que encontram incompatibilidades com o meio acadêmico. O que pode ser entendido como ausência de verdade e ética por parte dos museus, no entanto, pode ser relativizado levando em consideração os diferentes objetivos e abordagens de grupos distintos que discutem problemáticas semelhantes.

Palavras-chave: cigano/roma; museus; ativismo; ética.

Abstract: The present article discusses possible tensions when uses of memory, political activism and ethical behavior coexist in a museological environment. Based on the example of two museums – the Museu Cigano Itinerante (Brazil) and the Roma Ethnographic Museum in Tarnów (Poland) –, what is going to be analyzed is their exhibitions and the rhetoric of their organizers. Both museums are engendered in the Gypsy/Romani social movements which, since the 1970s, aim to reposition these people within the societies they are part of. This new social space would be of a cohesive nation or ethnic group, recognized by other nations, in a first step towards a better quality of life. It is argued here that these museums construct narratives that exoticize and essentialize heterogeneous Gypsy populations, mobilizing a rhetoric which, due to its incompatibilities, is highly academically criticized. What can be deemed as a lack of truth and ethics from the museums, however, can be

¹ Doutorando no Programa em Sociologia Histórica da Faculdade de Humanas da Universidade Carolina de Praga (*Fakulti humanitních studií Univerzity Karlovy v Praze*), sob orientação do Prof. Dr. Nicolas Maslowski.

² Aplica-se aqui uma tradução literal do conceito em inglês “exoticization” usado por Marushiakova e Popov (2011). Acredita-se que a expressão mais próxima em português – tornar exótico – não consegue carregar o mesmo significado do conceito original, pois conota uma ação aplicada unilateralmente sobre um elemento, fazendo-o exótico. Por sua vez o conceito de “exoticization” significa uma série de ações nas quais os sujeitos envolvidos são ativos e passivos, ou seja, construtores e construídos pelas representações sobre um grupo como uma comunidade separada das demais.

relativized taking into account the different objectives and approaches of distinct groups discussing similar problems.

Keywords: Gypsy/Roma; museums; activism; ethics.

Resumen: El presente artículo analiza las tensiones que puede haber cuando los usos de la memoria, el activismo político y el comportamiento ético coexisten en un entorno museológico. El análisis está basado en dos museos como ejemplos – el Museu Cigano Itinerante (Brasil) y el Roma Ethnographic Museum in Tarnów (Polonia) –, enfatizando las exposiciones de las instituciones y la retórica de sus organizadores. Ambos museos reflejan conexiones con los objetivos de los movimientos sociales gitanos/romaníes que desde los 1970s, han intentado contribuir en el reposicionamiento de estas personas dentro de la sociedad. Este nuevo espacio social está proyectado como una nación o un grupo étnico cohesivo, reconocido por otras naciones y visto como un primer paso dado para una mejor calidad de vida. El argumento aquí es que estos museos construyen narrativas que exotizan y esencializan poblaciones gitanas heterogéneas, en una retórica incompatible con el mundo académico. Lo que se puede entender como falta de verdad y ética de los museos, sin embargo, puede ser relativizado teniendo en cuenta los diferentes objetivos y enfoques de actores que discuten un problema similar.

Palabras clave: gitanos/roma; museos; activismo; ética.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de pesquisa de doutorado sobre os movimentos sociais cigano/romani, desenvolvida no Programa em Sociologia Histórica da Universidade Carolina de Praga/República Tcheca. Debate-se aqui como dois museus – o Museu Cigano Itinerante (Brasil) e o Roma Ethnographic Museum in Tarnów (Polônia) – podem ser vistos como instituições que, por meio de seus objetivos, narrativas e exposições, legitimam um discurso holístico a respeito da história e da cultura de povos conhecidos como ciganos³. Essa retórica aparenta estar em sintonia com os propósitos de uma elite intelectual cigana que desde o início dos anos 1970 se empenha em repensar e reescrever a produção historiográfica sobre essa população, visando, entre outros propósitos, melhorar a qualidade de vida desse grupo (CARMONA, 2013; McGARRY, 2008; MARUSHIAKOVA; POPOV, 2004).

Os dados analisados neste artigo foram capturados por pesquisa *online* em *blogs* e em redes sociais, viagem de campo e entrevista. Com base na exposição e na fala dos organizadores e responsáveis pelos museus, abordar-se-ão os contatos e as tensões entre as instituições como espaço de memória, política, ativismo e ética. O foco deste trabalho será discutir como as duas instituições organizam as narrativas referentes à cultura alegadamente cigana, bem como lançar algumas observações sobre como essas práticas de representação estão ligadas aos movimentos sociais romani.

Não há intenção de insinuar aqui que essas instituições estão trabalhando em conspiração para criar do zero uma novíssima – e falsa – historiografia. Entende-se que o discurso presente nas exposições resulta de um processo social, cultural e econômico de reposicionamento dos povos ciganos em relação aos não ciganos, convívio esse que é

³ Grupos conhecidos como ciganos habitam a Europa desde o século IX (FRASER, 1996). A partir de 1971, uma elite intelectualizada cigana determinou que a maneira correta seria o uso de Rom (singular), Roma (plural) e Romani (adjetivação). Como o movimento social romani é parte da discussão deste artigo, usar-se-á “cigano” para o grupo geral e “roma/romani” para se referir aos movimentos sociais.

repleto de nuances. A operação aqui referida é liderada por grupos ciganos intelectualizados que são idealizadores de uma reelaboração do *status* cigano – ao mesmo tempo que são o resultado histórico desse processo – visando ao seu reconhecimento como nação romani. Ainda, é importante dizer, toda organização ou instituição relacionada com os povos ciganos está engendrada nesse mecanismo de ressignificação e, desse modo, é – nos mais diferentes níveis – também o seu reflexo. Em outras palavras: os discursos e retóricas acerca dos povos ciganos encontrados neste artigo são resultado do desenvolvimento histórico dos movimentos ciganos/romani ao mesmo tempo que agentes criadores dessas mesmas organizações, na tentativa de mudar a situação política, econômica e social dessa população específica.

No caso dos museus aqui apresentados, a construção dessa retórica universalista dá-se por meio da essencialização (no sentido de anexar características como se fossem naturais ou intrínsecas), da exotização (no sentido de elementos que pertencem só e apenas a esse grupo) e da afirmação de uma condição histórica conectada a todos os ciganos: a origem indiana. Em suma, o posicionamento político e ideológico do museu, embora na penumbra da suposta cientificidade e objetividade da instituição museal (POULOT, 2013), elabora discursos que naturalizam alguns costumes, destacam padrões culturais restringindo-os apenas aos ciganos e generalizam essas características, de modo que possam abrigar o maior número possível dessa população.

Porém, por mais que possa ser entendido como natural que um museu reflita os interesses, opiniões e olhares de seus organizadores, Gazi (2014) lembra que a retórica museológica pode moldar a percepção do público sobre determinado assunto. Assim, em meio a narrativas, objetivos e estratégias, a autora chama atenção para o lugar da ética, que pode ser traduzida como a honestidade para com o público sobre a construção da exposição:

As decisões sobre o que incluir ou excluir, o que tem valor e o que não tem, quem está atribuindo valor, os meios de apresentação, espaço, *design*, linguagem e etc., são elementos críticos, já que todos definem um estilo de apresentação que influencia a percepção do público das mais variadas maneiras⁴ (GAZI, 2014, p. 2).

BREVE INTRODUÇÃO AOS MOVIMENTOS SOCIAIS CIGANO/ROMANI

Foi na região dos Bálcãs⁵, a partir da segunda metade do século XIX, que os movimentos sociais ciganos começaram a se organizar, porém ainda de forma discreta (MARUSHIAKOVA; POPOV, 2004). Após a Segunda Guerra Mundial e o assassinato de vários grupos ciganos em países europeus (HANCOCK, 2013), o movimento ganhou uma estrutura mais observável que atingiu seu ápice em 1971, durante o World Romani Congress⁶, em Londres. Porém, como afirma Vermeersch (2006), nunca foi possível olhar os movimentos sociais ciganos como um único bloco, agindo em sincronia. Uma das possíveis razões para a dificuldade

⁴ No original: “Decisions about what to include and what to exclude, what is valued and what is not, who is ascribing value, the means of presentation, space, design, language, and so on, are critical as they all lead to presentational styles which influence the public’s perception in many ways”. Tradução livre do autor.

⁵ Os Bálcãs, ou Península Balcânica, fazem limite a noroeste com a Itália, ao norte com a Hungria, ao norte/nordeste com a Moldávia e a Ucrânia e ao sul com o Mar Egeu (CRAMPTON; DANFORTH, 2015).

⁶ Congresso Mundial Romani. Tradução livre do autor.

de organizar o movimento é o espaço geográfico que essas populações habitam, espalhadas por todos os continentes – apesar de a grande maioria estar concentrada na Europa⁷ –, o que resulta em uma considerável pluralidade cultural.

Desse modo, entende-se que o movimento iniciado oficialmente em 1971, com a escolha de uma bandeira, de um hino e de um nome para agregar todos os ciganos – Roma –, compartilha características com os movimentos nacionalistas do fim do século XIX, discutidos por autores como Ernest Gellner (1983). Para ele, não seria o sentimento de pertencimento a uma nação o gerador de uma convicção nacionalista que, por sua vez, resultaria na construção de um Estado-Nação. Ao contrário, seriam grupos organizados que por meio de processos de padronizações culturais, como a língua e outros costumes, legitimariam a construção de um Estado que, por sua vez, utilizaria suas ferramentas para espalhar o sentimento de pertencimento a uma nação em sua população (GELLNER, 1983). Pode-se traçar, então, um paralelo com as reflexões de Poulot (2013), quando afirma que, após a Revolução Francesa, foi preciso construir a França no imaginário da população que vivia naquela região. Para tanto, o governo revolucionário planejou quatro museus para ensinar ao povo o que seria ser francês. Museus podem, assim, ser espaços de afirmação, irradiação e legitimação de identidades nacionais. O Museu Cigano Itinerante e o Roma Ethnographic Museum in Tarnów exibem elementos de uma narrativa ampla que pode ajudar a conectar uma população tão diversa como os ciganos.

NARRATIVAS SOBRE A CONEXÃO ÉTNICO-CULTURAL ENTRE OS POVOS CIGANOS

O Roma Ethnographic Museum (REM), da cidade de Tarnów⁸, é uma subdivisão do Muzeum Okręgowe w Tarnowie⁹, inaugurado em 1927 por Joseph Jakubowski e Julian Kryplewskiego, tendo a sua primeira exposição permanente no ano de 1929. Depois de várias mudanças e a chegada do Comunismo à Polônia, o museu foi nacionalizado no ano de 1949 sob o nome de Muzeum w Tarnowie¹⁰ (MUZEUM OKRĘGOWE W TARNOWIE, 2016). A parte da exposição que tem os ciganos como tema foi inaugurada em 1990 e anunciada durante o 4.º Congresso do International Romani Union¹¹, que teve lugar em Serock¹², na Polônia (MARUSHIAKOVA; POPOV, 2016). Todavia as suas origens remontam ao ano de 1979, quando o professor Adam Bartosz organizou a exposição “Ciganos na cultura polonesa”. Segundo Bartosz (2016), por conta do sucesso da exibição, decidiu-se por estabelecer uma “coleção cigana”, que cresceu gradualmente até 1990.

Em 30 de agosto de 2016 foi realizada uma viagem a Tarnów com o intuito de conhecer as instalações e a exposição. Bartosz fez a recepção nos jardins do museu, em meio a vagões e quase sob a reprodução de uma tenda, como se vê na figura 1.

⁷ De acordo com o European Network Against Racism (2011), cerca de 6.172.800 de ciganos vivem nos países que formam a União Europeia.

⁸ Tarnów é uma cidade situada no sul da Polônia. Está distante 83 quilômetros de Cracóvia e 280 quilômetros de Varsóvia.

⁹ Museu Regional de Tarnów. Tradução livre do autor.

¹⁰ Museu de Tarnów. Tradução livre do autor.

¹¹ Os congressos da International Romani Union foram resultado do World Romani Congress, realizado em Londres em 1971.

¹² Serock é uma cidade situada aproximadamente 40 quilômetros ao norte de Varsóvia e a 310 quilômetros ao norte do REM.

Figura 1 – Jardim interno do REM



Fonte: Fotografia de Kodo Miura (2016)¹³

Bartosz não trabalha mais no museu, contudo, como foi o responsável pela organização da exibição, fez o contato entre pesquisador e instituição. Já no início da conversa ficaram claros os dois principais objetivos da exposição: 1) Mostrar a cultura de um dos grupos étnicos que fazem parte da Polônia; 2) Ensinar aos ciganos e às crianças ciganas a sua história. Como a figura 1 ilustra, os vagões e as carruagens são considerados uma parte importante da cultura e da história cigana, mas o museu vai além da sua exibição. Desde 1996 existe o projeto Międzynarodowy Tabor Pamięci Romów¹⁴. Esse projeto, organizado por Adam Bartosz e Adam Andrasz¹⁵, consiste em viajar com os vagões em caravana, em uma espécie de peregrinação.

No decurso da viagem, visitam-se locais onde ciganos foram mortos pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Nesses espaços a caravana se une para orar e fazer música, ou seja, observar práticas vistas como ciganas por meio de atividades culturais. Bartosz enfatiza a admiração dos adultos e, principalmente, das crianças ciganas para com as atividades, bastante exóticas em relação ao cotidiano deles (BARTOSZ, 2016). O exótico que é sentido durante a caravana pode também ser encontrado na exposição. Na primeira sala do museu existe um cenário em que a figura de uma mulher cigana está sentada no chão em frente a algumas cartas, em alusão ao tarô¹⁶. Existem ainda pinturas e fotografias que representam a leitura de mão e a adivinhação, atividades que pertencem ao senso comum acerca dos povos ciganos, principalmente da mulher.

¹³ Mais informações sobre o fotógrafo em: <<http://kodography.com/>>.

¹⁴ O professor Bartosz referiu-se ao projeto em inglês como *Gypsy caravan memorial*, mas a tradução literal do polonês para o português seria “Caravana internacional da memória cigana”. Por causa das diferenças, optou-se por usar o original.

¹⁵ Presidente da Associação Cigana em Tarnów.

¹⁶ De acordo com Herman (2015), “o tarô é um pacote de 78 cartas de baralho que circulam pela Europa desde o século XV. A partir do fim do século XVIII, cartas de tarô passaram a ser utilizadas tanto para adivinhação (previsão do futuro) quanto para uma espécie de meditação”.

Figura 2 – Primeira sala da exposição do REM

Fonte: Muzeum Okręgowe w Tarnowie (2016)

Segundo Bartosz, museus tendem a trabalhar com estereótipos, e sobre os ciganos há dois possíveis. O primeiro é elaborado pelos intelectuais e representa os ciganos como alegres, festivos e coloridos – em uma espécie de contraposição ao imaginário sobre a vida moderna envolta pelo cinza dos prédios e do asfalto nas cidades –, enquanto o segundo, difundido em meio à população geral, tem os ciganos como preguiçosos. Ele optou por usar o primeiro em Tarnów. Assim, o espaço como um todo sugere a ideia dos ciganos como um povo diferenciado, festivo, mágico e misterioso e fornece representações exotizadas desse povo. Tal exotismo, segundo Marushiakova e Popov (2011), ajuda a retratar os ciganos como se estes vivessem em um mundo paralelo, reiterando suas diferenças com relação aos não ciganos.

O Museu Cigano Itinerante (MCI), localizado no Brasil, também reforça o exótico em suas representações. O principal objetivo do museu é viajar ao redor do país para promover a

[...] divulgação e o resgate das tradições às futuras gerações e evita desta forma cair no esquecimento uma cultura tão rica como é a do povo cigano. Foi criado com o intuito de lançar sementes no terreno social, histórico e cultural, pela promoção de encontros culturais e sociais, debates, palestras, e eventos entre outros (MUSEU CIGANO ITINERANTE, 2016).

Entretanto esse museu não foi sempre exatamente como hoje. Em seu início a instituição, fundada por Albino Granado, foi chamada de Museu Cigano de Santo André, contudo, segundo postagem do senhor Granado no *blog* Ananke – Associação Cultural Cigana, após divergência de condutas e opiniões entre os cofundadores a parceria que levou à criação do museu foi desfeita e ele continuou sozinho, com um projeto itinerante (GRANADO, 2013). No jornal *ABCD Maior*, ele afirma que a exposição do museu habilitaria os visitantes a entrar no mundo mágico que é a tradição cigana.

O aspecto lúdico do museu ficará por conta do mundo mágico que cerca toda a tradição cigana: danças, mistérios, lendas, a prática da adivinhação, cartas, quiromancia e os mais diversos rituais baseados nas forças dos elementos da natureza que estaremos mostrando aqui (SANTO..., 2007).

Por intermédio da fala do fundador do museu¹⁷ é possível observar alguns aspectos. O texto referente aos objetivos do museu apresenta elementos que combinam com os entendimentos do senso comum sobre a assim chamada cultura cigana. Como exemplos podem ser citadas as danças, as lendas, a adivinhação, as cartas e a leitura de mãos. Os discursos reforçam a ideia de que os ciganos são parte de um mundo diferente e mágico, que é acessível aos não ciganos por meio da exposição. Grande parte desse caráter exótico e desse essencialismo pode também ser vista na exposição itinerante.

Figura 3 – Parte da exposição do MCI



Fonte: Museu Cigano Itinerante (2016)

Além de vários objetos ornamentados, é possível ver do lado direito inferior da figura 3 a pintura de uma mulher vestida de vermelho e com cartas em sua mão, indicando o senso comum e o entendimento essencialista a respeito dos ciganos como uma presença mística, similar ao que ocorre em Tarnów. Embora o museu não use a nomenclatura *roma* em seu nome, a bandeira da nação romani (escolhida em 1971) está presente na exposição, tomando todo o fundo da figura 3. Nesse caso, o uso da palavra *cigano* em vez de *roma*, que poderia ser visto como uma evidência de certa distância da retórica holística e do projeto político romani, deve ser entendido de maneira diferenciada. O mais importante é o fato de que, independentemente da nomenclatura, o museu opera com uma abordagem universalista baseada na ideia de uma história e de uma cultura cigana, no singular. Pode-se dizer que ambas as nomenclaturas – *roma* e *cigano* – são usadas quase como sinônimos nas representações holísticas presentes no MCI. Em outras palavras, a dita cultura cigana é genericamente discutida e apresentada, sem ênfase nas diferenças culturais e mesmo de autodenominação desses grupos. Por vezes populações classificadas como ciganas por não ciganos só utilizam essa alcunha na relação com a população majoritária. Entre eles são usados nomes como *Kalderash*, *Lovara*, *Curara*, entre outros (FRASER, 1996).

Ação similar pode ser vista no Museu em Tarnów. Nota-se uma representação holística da cultura e da historiografia cigana: o nome vago da exposição permanente do museu (Roma: História e Cultura), a bandeira adotada pelo World Romani Congress exibida na fachada do museu e um *banner* em que está escrito “Ciganos, cultura e história”¹⁸.

¹⁷ Tentativas de contato com o museu foram feitas no dia 13 de julho de 2016 e 25 de outubro de 2016. Infelizmente não houve retorno em nenhum dos momentos.

¹⁸ No original “*Cyganie, Kultura and Historia*”. Tradução livre do autor.

Ainda, como Marushiakova e Popov (2016) afirmam, o museu é conectado com várias organizações Roma desde sua abertura. Assim, a exposição com foco nas representações de um suposto modo de vida cigano pode ser vista como um reflexo dessa proximidade entre os organizadores do museu e ativistas roma. Isso porque uma retórica tradicionalista e ampla pode reforçar a imagem dos ciganos como um único grupo, com uma cultura compartilhada, uma nação.

Desse modo, a existência do museu transforma-se numa ferramenta para a mudança do *status* do grupo. Em outras palavras, o Museu Cigano Itinerante e o Roma Ethnographic Museum in Tarnów podem não proclamar letra por letra uma declaração nacionalista ou étnico-emancipatória, mas a sua simples existência é como um grito por legitimidade para uma nova história relacionada aos povos conhecidos como ciganos, o que é quase o mesmo. Isso porque essas instituições não clamam por representar a memória de um grupo cigano em especial, mas exibe-se toda uma gama de características que supostamente representam todos os ciganos como um único povo roma. Segundo Kovats (2010, p. 1), “não há uma cultura romani/cigana transeuropeia comum. O diretor do Gypsy Research Centre (Paris), Jean-Pierre Liegois, considera que roma/ciganos representam um ‘mosaico de diversos grupos’¹⁹”.

O museu como espaço em que memórias são instrumentalizadas para a construção de uma narrativa, bem como um local onde memórias estão em tensão, buscando legitimidade, não é tema inesperado para a museologia. Como afirma Mário Chagas (2010), as memórias são

[...] novas máquinas de guerra colocadas a favor do “empoderamento” social daqueles que historicamente foram subalternizados e expropriados do direito de construir e narrar suas próprias histórias, suas memórias, seus patrimônios e seus museus.

Nos museus, as memórias representadas consistem usualmente em fragmentos materiais e imateriais associados com a história de certo grupo de pessoas. Nesse espaço são reproduzidos elementos com os quais as pessoas que forjam a exibição acreditam que esse grupo se identifica. Tais elementos são os que – no entendimento dos curadores – marcam a posição desse grupo no mundo, e os objetos que os representam conotam valores que podem indicar sua existência como uma comunidade (CHARTIER, 1990).

Joel Candau (2011, p. 23) chama esse processo e essa narrativa de metamemória:

[...] que é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao “modo de afiliação de um indivíduo a seu passado” e igualmente, como observa Michael Lamek e Paul Antze, a construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva.

Embora Candau se refira nessa passagem a experiências em âmbito pessoal, acredita-se que o conceito possa ser aplicado para um melhor entendimento de comportamento de grupos. No momento em que empreende um relacionamento com diferentes grupos, um indivíduo ou um coletivo invoca memórias consideradas relevantes para sua autorrepresentação. Trata-se do processo que ocorre quando da montagem da exposição de

¹⁹ No original: “There is no common trans-European Roma/Gypsy culture. The Director of the Gypsy Research Centre (Paris), Jean-Pierre Liegois, considers Roma/Gypsies to represent a ‘mosaic of diversified groups’”. Tradução livre do autor.

um museu: é organizada, geralmente por curadores, a versão da história que se acredita ser a mais perfeita – ou conveniente – para ser mostrada ao público.

Candau (2011), contudo, chama atenção para o fato de que essas narrativas não são reconhecidas unanimemente no coletivo. Para esse autor, os indivíduos dentro de um grupo dificilmente compartilham os mesmos entendimentos sobre as “perfeitas” representações sobre si próprios, nem as mesmas percepções acerca do simbolismo dos elementos materiais e imateriais que podem representar sua identidade. O externado é uma retórica holística, ou seja, elementos simbólicos significantes que o grupo compartilha com menos resistência individual. Portanto, o processo é um jogo de poderes no qual tais representações são formuladas por uma construção social de identidades e identificações – nem sempre de maneira pacífica.

Chartier (1990) vai além. Ele declara que as representações são construídas por um grupo que deseja que outro grupo as compreenda. Nesse sentido, a mensagem representada pode não ser ressignificada pelos receptores com o mesmo sentido, pois estes podem ter diferentes processos hermenêuticos para os mesmos elementos significantes. Assim, as representações de práticas e valores são emitidas pelos mensageiros com base em sua convivência e troca de valores simbólicos, enquanto o grupo receptor decodificará a mensagem baseado em seu contexto e entendimentos acerca dos símbolos usados na comunicação. Nunca é uma comunicação previsível.

Desse modo, seria importante para os emissários utilizar símbolos nos quais é mais provável encontrar a ancoragem esperada por seus receptores. Entende-se que, no caso que está sendo estudado, seja interessante adornar a elaboração da retórica holística cigano/romani com conceitos e ideais que já são usados para simbolizar nações e grupos reconhecidos como coesos ao redor do globo. Assim, enfatizar uma língua comum, definir uma bandeira, um hino e limitar uma cultura compartilhada – mesmo que, de alguma forma, exotizada – pode constituir interessantes mecanismos de autolegitimação, ou ainda um *mito fundador* como complemento, que no caso dos movimentos sociais romani pode ser encontrado na origem indiana.

A ORIGEM INDIANA

As origens na Índia constituem um elemento-chave na construção da narrativa universalista romani. Essa interpretação enfatizando raízes históricas comuns é compartilhada por alguns autores. Arayici (1998, p. 253) afirma:

A resposta [para a pergunta “de onde vieram os ciganos?”] é, sem dúvida, da Índia: quando se comparam as línguas ciganas com outras línguas indoeuropeias, em particular o sânscrito (norte da Índia), suas raízes são indiscutíveis. Por razões desconhecidas, essas pessoas deixaram seus países e emigraram para várias partes do mundo a partir do século IX. Da Índia, as peregrinações dos ciganos os levaram por diferentes rotas migratórias²⁰.

²⁰ No original: “The answer is, without a doubt, from India: when one compares Gypsy languages with other Indo-European languages, particularly Sanskrit (northern India), their roots are indisputable. For reasons unknown, these people left their countries and emigrated to various parts of the world from the ninth century onwards. From India, the Gypsies’ peregrinations took them along different migratory routes”. Tradução livre do autor.

Ainda outros trabalhos científicos trazem esse olhar sobre as origens, atestando poucas dúvidas sobre o tema, em uma acertada e direta escolha de palavras. McGarry (2008, p. 453), por exemplo, diz: “Ao chegar da Índia, roma se dispersaram através da Europa [...]”²¹. Carmona (2013, p. 86) também mostra um discurso objetivo sobre o assunto: “De fato, no século XV, 400 anos depois de nossa partida da Índia, nossos ancestrais apresentavam-se como vindos da Índia”²². Marushiakova e Popov (2004) informam que durante os anos 1990 houve na International Romani Union debates sobre a possibilidade de reconhecer os povos roma como um povo de origens indianas. Essa discussão levantou até a possibilidade de emissão de passaporte indiano para os ciganos.

As raízes indianas agem como suporte para a premissa de que todos os ciganos tiveram a mesma origem e são parte do mesmo grupo atualmente, funcionando como o *mito fundador* de um povo romani. Nas palavras de Marilena Chauí (2000, p. 5):

Ao falarmos em *mito*, nós o tomamos não apenas no sentido etimológico de narração pública de feitos lendários da comunidade (isto é, no sentido grego da palavra *mythos*), mas também no sentido antropológico, no qual essa narrativa é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade. [...] Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.

O mito fundador pode ser visto como uma gama de representações situadas fora da História. Ele é temporalizado em um passado remoto, em um momento que não pode ser precisamente definido – e trabalha muito bem preenchendo qualquer tipo de lacuna justamente por conta dessas características. O mito fundador procura ser imutável e eterno, vive no presente e justifica atitudes, comportamentos e mentalidades no cotidiano contemporâneo. Desse modo, uma origem afixada na Índia simplifica o que é complexo: 1) A ideia possivelmente anacrônica da existência de uma nação indiana baseada em princípios étnico-culturais mais de mil anos atrás; 2) Quem eram as pessoas que supostamente deixaram aquelas terras e hoje se denominam roma?; 3) O que aconteceu com tal população durante seu caminho e após sua chegada à Europa?; 4) Todos os ciganos/roma hoje são descendentes daqueles que deixaram a Índia etc.

A questão primordial é que o mito fundador estabelece uma origem que é forte o bastante para preencher alguns vazios e maleável o suficiente para se adaptar a diferentes contextos e necessidades.

No museu polonês a origem indiana está representada por dois elementos principais relacionados a esta narrativa. Primeiramente, na passagem da primeira para a segunda sala, existe um mapa mostrando o caminho viajado pelos ciganos da Índia até a Europa. Na sequência, na passagem da segunda para a terceira sala, há uma imagem centralizada com que se tem o primeiro contato visual no ambiente, a qual está representada na figura 4.

²¹ No original: “On arriving from India, Roma dispersed across Europe [...]”. Tradução livre do autor.

²² No original: “Indeed, in the fifteenth century, 400 years after our departure from India, our ancestors presented themselves as coming from India”. Tradução livre do autor.

Figura 4 – Parte da última sala de exposição do REM



Fonte: Fotografia de Kodo Miura (2016)

Na figura 4 vê-se uma foto da ex-primeira-ministra da Índia, Indira Gandhi²³. A foto de uma política indiana lado a lado com a bandeira Romani, somada à estátua representando a mulher cigana, sugere a relação entre os roma e o subcontinente indiano.

Entretanto diferentes trabalhos acadêmicos expressam certo grau de relutância a respeito de tais origens. Will Guy (2001) relembra que o mais importante laço que poderia conectar a atual população cigana da Europa – e de todo o mundo – com uma antiga população indiana é a língua, o *Romanes*. Porém ele enfatiza que o *Romanes* hoje é uma língua de menos da metade da população cigana da Europa e, mesmo entre eles, existem de 50 a 100 dialetos, muitos compreensíveis entre si apenas em níveis bastante básicos.

Ladányi e Szelényi (2006, p. 125) dizem:

Os ativistas políticos romani promovem o termo roma para criar uma identidade positiva e mobilizar vários grupos, muitos dos quais, pelo menos de acordo com Judith Okely (1983), não partilham uma ascendência comum. O termo roma provém da língua romani, que está relacionada com o sânscrito – a única evidência material das origens indianas dos ciganos. Em romani, Rom ou Roma significa marido, ou o termo genérico para o homem. As raízes deste termo em sânscrito são completamente diferentes entretanto. Em sânscrito, *dombe* ou *doma* refere-se a um músico de casta baixa (Fonseca 1995: 100). No entanto, os ativistas romani queriam fabricar uma alternativa positiva ao *gadjo*²⁴. Assim, se você não é gadjo, étnico, ou outro, você deve ser um homem ou um roma²⁵.

²³ Indira Gandhi governou a Índia de 1966 até 1977. Retornou ao poder em 1980 e permaneceu até seu assassinato, em 31 de outubro de 1984 (INDIRA..., 2016).

²⁴ *Gadjo* é a maneira com que muitos grupos ciganos denominam os não ciganos.

²⁵ No original: “Roma political activists promote the term Roma in order to create a positive identity and to mobilize various groups, many of which, at least according to Judith Okely (1983), do not share a common ancestry. The term Roma comes from the Romany language, which is related to Sanskrit – the only hard evidence of the Indian origins of the Gypsies. In Romany language, Rom or Roma means husband, or the generic term for man. The roots of this term in Sanskrit are quite different however. In Sanskrit, *dombe* or *doma* refers to a low caste musician (Fonseca 1995: 100). Nevertheless, Roma activists wanted to manufacture a positive alternative to *gadjo*. Thus, if you are not *gadjo*, ethnic, or other, you must be a man or a Roma”. Tradução livre do autor.

Para esses pesquisadores, a tentativa de criar uma ligação entre os atuais ciganos e a Índia antiga é ou uma interpretação forçada de alguns sinais ou irrelevante do ponto de vista da população cigana em geral. Também Michael Stewart fornece um olhar semelhante. Refletindo acerca de seu contato com ciganos, ele argumenta que eles são conscientes da tentativa da elite intelectual de estruturar uma origem comum para todos os ciganos, entretanto essa população comum é pouco ou nada interessada nessa requalificação: “[...] eles sabem que é dito que seus ancestrais vieram da Índia mas não mostram nenhum interesse nesse fato²⁶” (STEWART, 1999, p. 92).

EXISTEM DIFERENTES NÍVEIS DE PREOCUPAÇÃO ÉTICA?

Certas distrações e generalizações parecem caracterizar as representações acerca da historiografia cigana/romani. Este artigo não intenta afirmar que há mentiras sendo contadas nos museus. Mas, como Candau (2011) enfatiza, o esquecimento não é necessariamente um erro ou uma falha, às vezes é uma maneira de construir representações sobre o passado de modo que faça sentido em relação às atuais necessidades de um grupo no jogo de formação identitária. E esses tipos de construções, essas lacunas e reorganizações de memórias, têm capacidade de dizer muito sobre um grupo e seus planos para o futuro.

A população europeia comumente chamada de ciganos (*Gypsies* em inglês, *cyganie* em polonês, *řigani* em romeno, *Zigeuner* em alemão etc.) pelos que não se identificam como parte do grupo é também muitas vezes – embora não sempre, não em todo lugar e não da mesma maneira – uma população marginalizada. Uma das alternativas encontradas por uma elite intelectualizada cigana para superar essas diversidades foi a luta pelo reconhecimento como nação e, desde os anos 1970, vem se organizando nesse sentido. A ressignificação da memória desse grupo é tanto resultado quanto suporte desse processo de relocação social, econômica e política.

Os museus aqui discutidos refletem essa movimentação e, de forma consciente ou não, acabam por reproduzir uma visão holística e universalista sobre os povos ciganos que, quando contraposta aos trabalhos de alguns acadêmicos, pode parecer não muito honesta e, assim, fora do campo ético. Ainda mais porque, para Andromache Gazi, a ética museológica está expressa na honestidade com a audiência do museu. Principalmente porque, “ao interpretar objetos e temas, exposições criam novos mundos que são normalmente percebidos pelos visitantes como ‘verdade’ e ‘autêntico’, pelo *status* do museu e sua autoridade intelectual²⁷” (GAZI, 2014, p. 2).

A crença de estar incumbido de organizar a cultura e a história de um grupo e comunicar essas narrativas às populações que não tinham espaço para expressar a sua memória, cultura e história, somada às experiências individuais dos organizadores dos espaços museais, às possibilidades materiais de cada uma dessas instituições e ao ativismo pessoal, propicia um ambiente fértil para ofuscar o papel questionador que alguns museus assumiram nos últimos anos. Em outras palavras: a convicção da elite intelectualizada cigana e pró-cigana nas vantagens sociais de um discurso coeso acaba por fazer com que

²⁶ No original: “[...] they know that their ancestors are said to come from India but display no interest in this fact”. Tradução livre do autor.

²⁷ No original: “In interpreting objects and themes, exhibitions create new worlds which are usually perceived by visitors as ‘true’ and ‘authentic’ because of the museum’s status and cultural authority”. Tradução livre do autor.

os museus deixem em segundo plano as preocupações em mostrar aos visitantes olhares diversos sobre as diferenças regionais, sociais, econômicas e até mesmo de autoidentificação. O conceito de ética, dentro desse grupo, estaria relacionado à luta por melhoria social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não conclui que os museus aqui discutidos são antiéticos ou falaciosos, muito menos que são instituições que não representam a cultura chamada cigana. Tamanha é a pluralidade da cultura cigana/romani que existem ao mesmo tempo pessoas que se identificam como ciganos/roma mas não praticam o estilo de vida representado e ciganos/roma que vivem um cotidiano visto por muitos como exótico e mágico, principalmente pelos menos próximos.

Contudo chama-se atenção aqui para como necessidades são, ao mesmo tempo, resultado e formadores de contextos variados e, assim, se convertem em preocupações e estratégias de ação múltiplas. Enquanto profissionais e acadêmicos que se concentram em pensar sobre a instituição museológica podem ver essencializações, exotizações e o mito fundador com ressalvas, ativistas (que também são, em certos casos, acadêmicos, professores e teóricos) podem acreditar que uma retórica harmônica ajuda a população cigana/romani a lutar contra situações de desvantagem econômica, social e política. Em resumo, o que inquieta acadêmicos preocupados com conceituação e teoria pode não saltar aos olhos de ativistas que buscam inclusão social e reconhecimento nacional e/ou étnico.

REFERÊNCIAS

ARAYICI, A. The Gypsy minority in Europe: some considerations. **International Social Science Journal**, [s.l.], v. 50, n. 156, p. 253-262, jun. 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/1468-2451.00128>>.

BARTOSZ, A. **Visit to Tarnow Museum – PhD research** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <dnsambati@gmail.com> em 30 ago. 2016.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARMONA, S. Memory, history and Romanipen: reflection on the concept of trace. In: KJUČUKOV, C. S.; RAWASHDEH, O. (Orgs.). **Roma identity and antigypsyism in Europe**. Munique: Lincom Europa, 2013. p. 83-95.

CHAGAS, M. de S. “+ **Direito à Memória**”. 2010. Rede Museus – Memória e Movimentos Sociais. Disponível em: <<http://redemuseusmemoriaemovimentossociais.blogspot.com/2010/09/direito-memoria-mario-chagas.html>>. Acesso em: 30 maio 2016.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHAUÍ, M. de S. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CRAMPTON, R. J.; DANFORTH, L. Balkans. **Encyclopædia Britannica**, 2015. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Balkans>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

EUROPEAN NETWORK AGAINST RACISM. **Debunking myths & revealing truths about the Roma**. 2011. Disponível em: <http://cms.horus.be/files/99935/MediaArchive/publications/roma_final_pdf.pdf>. Acesso em: 12 out. 2016.

FRASER, A. **The Gypsies**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1996. (The Peoples of Europe).

GAZI, A. Exhibition ethics: an overview of major issues. **Journal of Conservation and Museum Studies**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 1-10, 8 maio 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5334/jcms.1021213>>.

GELLNER, E. **Nations and nationalism**. Nova York: Cornell University Press, 1983.

GRANADO, A. **Museu Cigano Itinerante Brasil**: Associação Cultural Ananke. 2013. Ananke – Associação Cultural Cigana. Disponível em: <<http://algranadoocara.blogspot.com/2013/02/museu-cigano-itinerante-brasil.html>>. Acesso em: 5 maio 2017.

GUY, W. Romani identity and post-communist policy. In: _____ (Org.). **Between past and future: the Roma of Central and Eastern Europe**. Hertfordshire: University of Hertfordshire Press, 2001. p. 3-32.

HANCOCK, I. 1938 and the Porrajmos: A Pivotal Year in Romani History. **Global Dialogue**, [s.l.], p. 106-117, 2013.

HERMAN, B. What is tarot?: a professional tarot card reader tells all. **International Business Times**, [s.l.], 29 maio 2015. Disponível em: <<http://www.ibtimes.com/what-tarot-professional-tarot-card-reader-tells-all-1938557>>. Acesso em: 20 out. 2016.

INDIRA Gandhi. **Encyclopaedia Britannica**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Indira-Gandhi>>. Acesso em: 2016.

KOVATS, M. **Opportunities and Challenges**: EU Enlargement and the Roma/Gypsy Diaspora. 2010. Open Society Institute. Disponível em: <<https://www.opensocietyfoundations.org/sites/default/files/eu-enlargement-roma-20011101.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

LADÁNYI, J.; SZELÉNYI, I. **Patterns of exclusion**: constructing Gypsy ethnicity and the making of an underclass in transitional societies of Europe. Boulder: East European Monographs, 2006.

MARUSHIAKOVA, E.; POPOV, V. Between exoticization and marginalization: current problems of Gypsy studies. **Behemoth**, [s.l.], v. 4, n. 1, p. 86-105, jan. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1515/behemoth.2011.006>>.

_____; _____. Roma museums. In: _____; _____ (Orgs.). **Roma culture: myths and realities**. Munique: Lincom Academic Publisher, 2016. p. 173-184.

_____; _____. The Roma – a Nation without a State?: historical background and contemporary tendencies. **Nomadsed.de**, [s.l.], p. 71-100, 2004. Disponível em: <http://www.nomadsed.de/fileadmin/user_upload/redakteure/Dateien_Publikationen/Mitteilungen_des_SFB/owh6marushiakova.pdf>. Acesso em: 5 out. 2015.

McGARRY, A. Ethnic group identity and the Roma social movement: transnational organizing structures of representation. **Nationalities Papers**, [s.l.], v. 36, n. 3, p. 449-470, 2008.

MUSEU CIGANO ITINERANTE. **Sobre**. 2016. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/MUSEU-CIGANO-ITINERANTE-BRASIL-486311394831111/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MUZEUM OKRĘGOWE W TARNOWIE (TARNÓW). **Muzeum Etnograficzne**. Disponível em: <<http://www.muzeum.tarnow.pl/oddzialy.php?id=3>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

POULOT, D. **Museu e museologia**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SANTO André tem primeiro museu cigano do mundo. **ABCD Maior**, 2007. Disponível em: <<http://www.abcdmaior.com/materias/sto.andre-tem-primeiro-museu-cigano-do-mundo>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

STEWART, M. The puzzle of Roma persistence: group identity without a nation. In: ACTON, T.; MUNDY, G. (Orgs.). **Romani culture and Gypsy identity**. Hatfield: University Of Hertfordshire Press, 1999. p. 84-98.

VERMEERSCH, P. **The Romani movement: minority politics and ethnic mobilization in contemporary Central Europe**. Nova York: Berghahn Books, 2006. (Studies in ethnopolitics).